

**O**S OLHOS azuis de Sara Edwards cintilavam enquanto ela falava ao telefone com a mãe sobre o baile que ia haver. Seria uma rara oportunidade para essa estudante de Medicina de 18 anos da Universidade de Liverpool. «Vou-me divertir à beça», avisou Sara.

Nessa quarta-feira à noite, dia 4 de fevereiro de 1987, a jovem também avisou à mãe que sua garganta estava doendo. «Mas pode deixar que vou ficar boa», assegurou-lhe, para sossegá-la.

Às 3 dessa madrugada, porém, Sara acordou se sentindo muito mal. Quando, quatro horas depois, uma colega estudante, Katy Elders, foi verificar como ela estava, encontrou-a desmaiada no chão e ardendo em febre. Metendo Sara no carro, Katy correu velozmente para a enfermaria da universidade.

Às 22.30 de quinta-feira, seu diagnóstico

já era conhecido: meningite bacteriana provocada por meningococos, uma doença fatal que ceifa cerca de 60 000 vidas por ano no mundo inteiro. O microrganismo que a provoca pode vencer as defesas naturais do corpo, entrar na corrente sanguínea e atacar as meninges, membranas que envolvem o cérebro e a medula espinhal.

SARA foi imediatamente transferida para o Hospital Fazakerley, de Li-



## A segunda chance de Sara

Se sobrevivesse, teria ela uma vida que valesse a pena?

ROBERT KIENER



verpool. Quando, à 1 da manhã, seus pais, Margaret e Dewi Edwards, chegaram vindos de sua casa no Norte do País de Gales, mal a reconheceram. O corpo de Sara estava coberto de manchas roxas resultantes de rupturas de capilares causadas pelo alastramento das toxinas provocadas pela doença. «Parece que ela levou uma surra», pensou Margaret.

Ao recobrar a consciência por instantes, Sara viu os pais à sua cabeceira. Tinha estudado a meningite e sabia como era importante manter a circulação ativa para evitar que os tecidos do corpo perecessem. «Esfreguem minhas mãos e as pernas», pediu ela; durante toda a noite, os pais não pararam de massagear a filha, em coma.

No dia seguinte, Sara sofreu uma parada respiratória. No domingo, foram o fígado e os rins que falharam e ela teve de ser transferida para o Real Hospital da Universidade de Liverpool, sua própria universidade, para ali ser submetida a uma hemodiálise.

Os compêndios de Medicina são unânimes: a falha de quatro órgãos é fatal. Sara já tinha perdido quatro e seus sistemas circulatório e gastrintestinal também estavam funcionando mal. Seus médicos nunca tinham visto um caso tão grave de meningite provocada por meningococos.

«Receio que Sara esteja nos deixando», comunicou suavemente uma enfermeira aos pais da moça.

Recorrendo à enorme tenacidade que partilhava com sua filha, Mar-

garet respondeu-lhe: «Não, não. Ela vai viver. Você vai ver: ela *vai mesmo* viver.»

Já aos 4 anos, Sara demonstrava uma determinação feroz. Sofrendo de asma alérgica crônica, entrava no quarto dos pais à noite, agarrada à sua boneca favorita. Era o sinal de que estava com dificuldades respiratórias e de que necessitava de tratamento hospitalar. Não chorava, nem fazia manha. «Ela sempre foi muito forte», pensou Margaret. «Estou certa de que também vai ser capaz de vencer esta batalha.»

Um dos colegas de Sara, David Webster, estava de serviço na emergência do hospital quando Sara foi admitida. David, aluno do terceiro ano de Medicina, a tinha visto pela primeira vez pouco tempo depois de Sara ter chegado à universidade e fora cativado por seu sorriso radioso. Planejava convidá-la para sair um dia. Agora, ao vê-la deitada na cama lutando contra a morte, sentiu-se invadir por uma tristeza terrível. «Ela é tão frágil e, apesar disso, tão bonita», pensou. «Meu Deus, por favor, não a leve.»

Nessa mesma noite, ele ajudou outros membros da União Cristã da universidade, da qual tanto ele como Sara faziam parte, a organizarem uma «corrente de orações» 24 horas por dia. De duas em duas horas, David transmitia as notícias sobre o estado da colega.

Contra todas as expectativas, Sara sobreviveu, mas seus vasos sanguíneos, danificados pelas bactérias, já não transportavam o sangue até as

pernas. A gangrena estava começando a se instalar.

No dia 15 de fevereiro, pela manhã, o Dr. Anthony Gilbertson, diretor da UTI do hospital, comunicou a seus pais que, se dessem autorização, as pernas de Sara seriam amputadas. Caso contrário, explicou, a gangrena iria matá-la.

«Prefiro ter Sara viva sem pés do que sei-lá-onde com os dois», desabafou Margaret. «Faça o que deve fazer.»

Meia hora depois, os médicos fizeram a ablação das duas pernas de Sara cerca de 13 cm abaixo dos joelhos. Nessa noite, quando o pastor da congregação de que Sara fazia parte, Bill Bygroves, comunicou a notícia às pessoas reunidas em sua capela de Garston Bridge, um silêncio pesado caiu sobre a igreja. «Não! Não as pernas!», lamentou David, angustiado. «Rezemos todos por Sara», propôs Bygroves. «Ela vai precisar de todo o nosso apoio e da ajuda de Deus.»

O estado da moça se manteve incerto durante duas semanas. Seu corpo magro encolheu até os 37 kg. Os cartões de melhoras chegavam às centenas, acompanhados de flores e bonecos de pelúcia. A corrente de orações estendia-se já pelo mundo.

Por fim, os sinais vitais de Sara se estabilizaram. No dia 5 de março, quatro semanas depois de ter dado entrada no hospital, ela abriu os olhos.

Margaret e Dewi a informaram sobre o que ocorrera com suas pernas, assim que ela recobrou a cons-

ciência. «Que perna foi amputada?», quis ela saber.

«As duas», responderam-lhe.

Num murmúrio que mal se ouvia, a moça repetiu: «As duas?»

Foi então que sua segunda batalha começou — a luta para acreditar que ainda valia a pena sobreviver.

Bill Bygroves visitava-a praticamente todos os dias. «O sofrimento tanto pode ser um inimigo como um amigo», lhe disse ele. «Tudo aquilo por que você está passando pode torná-la ou numa pessoa pior, ou em alguém melhor.»

Sara ficou pensando nisso. Tinha de enfrentar sua nova vida da mesma forma e com a mesma confiança com que havia conseguido chegar à universidade. «Deus está comigo», refletiu ela. «Através d'Ele, creio que poderei sair dessa experiência como uma pessoa melhor.»

Por outro lado, havia David. Moreno e bonito, ele, nascido em Liverpool, raramente falhou um dia à sua cabeceira, quando a moça estava em estado em coma. Queria convidá-la a sair com ele, mas ela ainda não estava preparada para fazê-lo. Sara não conseguia acreditar que houvesse alguém que ainda fosse capaz de olhar para ela e de achá-la bonita.

Foi Mary Clewlow quem conseguiu mudar sua cabeça. Estudante do quarto ano de Medicina, ela perdera uma perna em razão de um câncer ósseo. Um belo dia, apareceu junto da cama de Sara, levantou a saia e perguntou: «Qual das duas é a minha perna verdadeira?»

«Sei lá, não dá para distinguir», replicou Sara. Em seguida, quis que Mary lhe contasse tudo o que sabia sobre pernas artificiais, que meias comprar, onde encontrar sapatos. Depois de a outra moça ter ido embora, Sara decidiu: «Se ela foi capaz, também vou ser.»

No dia 11 de maio, Sara estava pronta para tentar seus primeiros passos. Ao prender as pernas artificiais aos cotos, recitou um verso de um antigo hino galês: «Meu Deus, não conseguirei avançar sequer meio passo se Tu não avançares a meu lado.» Margaret e Dewi se abraçaram ao verem sua filha se agarrar às barras paralelas. Lentamente, ela percorreu a distância que elas demarcavam.

Sara e seus pais assistiram a um serviço religioso de ação de graças por sua recuperação na capela de Garston Bridge. Em dado momento, David se levantou para cantar em sua homenagem, mas sua voz falhou de emoção e ele não foi capaz de continuar.

Em seu sermão, o pastor Bygroves falou sobre um violino velho e de mau aspecto que ia ser leiloado. Ninguém oferecia nada por ele, até que um homem avançou, afinou-o e começou a executar nele uma melodia maravilhosa. Nesse momento, a licitação começou com grande entusiasmo. A mensagem do sermão, inspirado pela recuperação de Sara, era de que tudo e todos se podem tornar maravilhas nas mãos de Deus.

Nessa noite, deitada na cama, Sara sorriu quando viu David na so-

leira da porta. «Trouxe um presente para você», lhe disse ele, mostrando-lhe uma embalagem de couro.

Intrigada, Sara ficou olhando atentamente enquanto ele levantava sua tampa. Quando tirou dali de dentro um violino já velho, os olhos dela se inundaram de lágrimas. «Comprei isto há alguns anos numa feira popular», explicou David, «e agora já sei por quê: quero que você fique com ele.» Em seguida, inspirando fundo, perguntou: «Você quer assistir à peça dos estudantes de Medicina na próxima semana? Comigo?»

«Ele não pode estar interessado numa aleijada», foi o primeiro pensamento de Sara. «Só está com pena de mim. O melhor é eu recusar o convite. Assim, ele não vai se sentir obrigado a ter de me aturar.» Mas, ao pousar os olhos no violino, mudou de idéia. «Quero sim. Com muito prazer.»

Quando David saiu, Sara percebeu que alguma coisa tinha mudado entre eles. «Aqui estou eu, mal pesando 32 kg, sem pernas, e ali está um homem que gosta de mim como eu sou!»

Depois disso, David passou a visitá-la todos os dias. Punha-a numa cadeira de rodas e levava-a para passear num parque nas vizinhanças.

No dia 1.º de julho, Sara já estava suficientemente bem para acompanhar David ao baile de verão da universidade. Um hotel local ofereceu-lhe a possibilidade de utilizar uma suíte, para que não tivesse de se preparar para sua grande noite no hospital. Vestindo um *smoking*,

David bateu à porta do quarto de Sara. Quando Margaret o fez entrar no quarto, Sara, vestindo um elegante vestido de baile azul, estava à espera dele sobre suas próprias pernas. «Você está tão bonita!», exclamou ele, enquanto a empurrava na cadeira de rodas pela porta.

Em agosto, depois de 20 semanas de dolorosa fisioterapia, Sara já conseguia andar sozinha, amparada em muletas canadenses. Jurou a si própria que, com o tempo, conseguiria andar sem ajuda.

Ao longo de toda a sua recuperação, ela jamais abandonou seu sonho de vir a ser médica. «Graças a Deus, não perdi as mãos», alegrava-se ela. «Assim, ainda posso fazer clínica geral.»

Mas as outras pessoas duvidavam que ela fosse capaz de voltar à universidade. Se as longas horas de estudo cobravam seu preço aos estudantes em condições físicas normais, como poderia Sara fazer-lhe frente? As drogas fortíssimas que a tinham mantido viva tinham-lhe prejudicado a memória. Se efetivamente voltasse às aulas, teria de repetir o ano todo.

Apesar das dúvidas, no dia 5 de outubro, depois de passar sete meses no hospital e cinco semanas em

casa, ela estava de volta à faculdade de Medicina. Movia-se pelo *campus* da universidade num carro especialmente adaptado. Ia onde podia em suas pernas artificiais. Quando as próteses a machucavam, mudava para a cadeira de rodas e trabalhava em casa.

Mas havia ainda outra montanha a transpor. Na aula de Anatomia, ela teria de dissecar as pernas de um cadáver. «Tenho de conseguir

fazer isso se quiser ser médica», admoestou-se ela,

mas quando um outro estudante fez uma incisão num membro sem vida com um bisturi, Sara ficou paralisada de terror. «Foi o que fizeram às minhas pernas!», pensou. «Tinhavam mesmo de

cortá-las?» Soluçando, virou as costas e fugiu.

Da cabine telefônica mais próxima, telefonou à mãe e começou a disparar inúmeras perguntas: «Qual era o aspecto das minhas pernas antes de serem amputadas? Estavam gangrenadas?»

Sabendo que Sara tinha de enfrentar esse último desafio, Margaret marcou uma consulta com o Dr. Gilbertson. Sentada à sua frente, seus olhos recusavam-se a fixar os dele. Suavemente, porém, o médico começou as explicações: «Sua mãe me pediu que lhe mostrasse as radiografias. Mas eu preferia não ter de fazê-lo.» E prosseguiu: «Tratou-se de uma resolução puramente clínica,



Sara. Você tem de confiar em nossa capacidade de decisão, em especial se vier a ser médica.»

A moça sabia que o médico tinha razão e a partir desse momento aceitou o fato de a amputação ter sido a única solução.

No dia 20 de abril de 1990, o campo estava inundado pelo luar. David passeava de automóvel com Sara no Norte de Gales. Já passava das 10 da noite quando ele parou o automóvel junto a um riozinho.

«Não vou demorar nada», disse, começando a tirar algumas coisas da mala do carro. Depois, radiante, ajudou Sara a sair do banco e conduziu-a por uma ponte de pedra. Junto da água, havia armado uma mesa com duas cadeiras. Quando Sara se instalou, David perguntou-lhe: «Quer se casar comigo?»

«Quero, sim, David», foi a resposta dela. Ao ouvir isso, ele saltou da cadeira, abraçou-a e beijou-a. Em seguida, foi até a margem do rio e se ajoelhou junto dos fogos de artifício que antes havia preparado. De repente, o estalejar de um peque-

no foguete ressoou na noite, enquanto o projétil voava pelo céu. David acendeu outro e depois outro. Enquanto o céu por cima deles se enchia de estrelas artificiais, Sara sentiu o coração quase explodir de amor pelo homem que tinha ajudado a luz a voltar à sua vida.

O casamento foi celebrado na pequena capela na aldeia dos pais de Sara um ano depois, a 17 de agosto de 1991. David (então já Dr. Webster) tomou seu lugar no altar e voltou-se, depositando seu olhar amoroso sobre a entrada da capela. Todos se viraram para observar algo que poucos acreditaram vir algum dia a ver: Sara, de braço dado com o pai, avançava pela nave central da capela sem ajuda de muletas nem bengala.

*Em julho de 1993, Sara Webster tornou-se médica. Agora, prepara-se para o exame de Clínica Geral. O violino que David lhe deu sete anos antes está pendurado na parede da sala, para lembrar-lhes sempre quão longe a fé e a coragem podem levar as pessoas.*

FOTOS: (CIRURGIÃO), © DE TED HOROWITZ/THE STOCK MARKET; (SARA WEBSTER), © DE JULIAN NIEMAN; (DAVID E SARA WEBSTER), © DE JULIAN NIEMAN

---

## **Testemunha canina**

DURANTE o julgamento, um homem que tinha sido preso acusou o polícia de lhe ter dado um soco.

O polícia explicou que o homem estava tão embriagado que caíra e batera com a cabeça no passeio. Negando que estivesse bêbado, o homem alegou que tinha uma testemunha: uma senhora de idade, com um casaco de peles, que vinha no banco de trás do carro que o levava à delegacia.

A senhora de idade, sublinhou o polícia, era o seu cachorro.

— Keith Stark, Reino Unido